

A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde

The cartography as a methodological innovation in health research

La cartografía como innovación metodológica en la investigación en salud

Wânia Regina Veiga Martines¹

Ana Lúcia Machado²

Luciana de Almeida Colvero³

de produção, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e intensidades dos sujeitos que compõem a complexa produção de cuidados em saúde.

RESUMO

O objetivo deste estudo é divulgar a cartografia como importante inovador metodológico na pesquisa em saúde. O método, originalmente descrito pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari ao final da década de 1960, e cuja abordagem é considerada relativamente nova quanto a seu uso na pesquisa qualitativa no Brasil, surge nos últimos anos como proposta metodológica adotada por pesquisadores brasileiros. Na cartografia, a construção de mapas permite a captação da complexidade presente no campo e nos dados produzidos, que falam dos encontros entre profissionais, gestores, pacientes e familiares. Nesta perspectiva, a cartografia é um modo de mapear a realidade, de acompanhar processos

Palavras chave: Cartografia; Pesquisa qualitativa; Cuidados de saúde.

ABSTRACT

The aim of this study is to promote the cartography as an important methodological innovation in health research. The method, originally described by the French philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari in the late 1960s, and whose approach is considered a relatively new as to its use in qualitative research in Brazil, appears in recent years as a methodological proposed by Brazilian researchers. In cartography, the construction of maps enables the researchers to capture the complexity in field and in the data produced, which regarding meetings between professionals, managers, patients and relatives. In this perspective, the cartography is the way of mapping reality by monitoring production processes in order to record movements and intensities of the subjects that make up the

1Doutora em Ciências da Saúde com título pela Escola de Enfermagem da USP.

2 Professora Associada da Escola de Enfermagem da USP Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiátrica Enfermagem em Saúde Mental.

3 Professora Associada da Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiatria.

complex production of health care.

Key Words: Cartography; Qualitative research; Delivery of Health Care.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es divulgar la cartografía como una importante innovación metodológica en la investigación en salud. El método, descrito originalmente por los filósofos franceses Gilles Deleuze y Félix Guattari en finales de la década de 1960, y cuyo enfoque se considera relativamente nuevo en cuanto a su uso en la investigación cualitativa en Brasil, en los últimos años aparece como una propuesta metodológica adoptada por los investigadores brasileños. En la cartografía, la construcción de mapas permite la captación de la complejidad de este campo de estudio y en los datos producidos, que hablan de los encuentros entre profesionales, gestores, pacientes y familiares. En esta perspectiva, la cartografía es una forma de realizar mapas de la realidad, de acompañar los procesos de producción, de posibilitar el acompañamiento de los movimientos y las intensidades de los sujetos que componen la compleja producción de los cuidados en salud.

Palabras Clave: Cartografía; Investigación Cualitativa; Prestación de Atención de Salud.

INTRODUÇÃO

Cartografia, cartografar. Do que estamos falando ?

A cartografia tradicional volta-se como arte, técnica e ciência, à elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos

e socioeconômicos, em uma tentativa do homem conhecer o mundo que habita¹. Mas a construção de mapas pode também permitir a visualização da distribuição espacial e temporal de uma doença em uma população específica, no que diz respeito ao processo de vigilância epidemiológica, onde é necessária a implementação de medidas de prevenção e controle de casos, por exemplo, de evento infecto-contagioso na tuberculose².

Por sua vez, o procedimento de cartografar aqui proposto, baseado nos princípios da esquizoanálise³, possibilita o mapeamento de paisagens psicossociais, o mergulho na geografia dos afetos, dos movimentos, das intensidades.

Considerada como uma abordagem relativamente nova quanto a seu uso na pesquisa qualitativa no Brasil, a cartografia vem sendo usada como proposta metodológica por pesquisadores brasileiros. Na área da saúde, especificamente, temos importantes trabalhos produzidos por pesquisadoras da área da Enfermagem⁴⁻⁹.

Nos últimos 6 anos, o método da cartografia tanto vem norteando trabalhos de iniciação científica, mestrado e doutorado conduzidos pelas autoras deste manuscrito, quanto subsidiando discussões (e produções acadêmicas) de grupos de estudo e pesquisa relacionados à produção de cuidados em saúde, como o Grupo de Pesquisas da Subjetividade em Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que se reúne mensalmente. Ao longo deste período portanto, a pesquisa bibliográfica permanente pela busca de obras e autores que pudessem aprimorar a compreensão e o uso prático deste

método na pesquisa qualitativa e a riqueza dos materiais teóricos, das experiências em campo e da participação em congressos de pesquisa qualitativa, motivaram-nos a reunir e divulgar, neste trabalho, a cartografia e a gama de possibilidades que ela traz, enquanto uma inovação para a produção de conhecimento na área da saúde.

A ORIGEM DO MÉTODO

Criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari ao final da década de 1960, a cartografia nasce com a esquizoanálise, também denominada de filosofia da diferença, clínica da diferença¹⁰. Alimenta-se de teorias filosóficas e imagens da literatura, pintura, cinema e música. Nela, as noções de inconsciente e de subjetividade são reconstruídas. O inconsciente, afastando-se da teoria psicanalítica, é compreendido como uma máquina de produção que opera no social, no presente (composições atuais), atravessando os sujeitos, seus territórios e suas relações. Segundo Diniz (2008), a subjetividade não se remete a um eu, é polifônica, múltipla. Assim, identidades e trajetórias entregam-se ao movimento permanente de (des) territorialização e (re)territorialização, utilizando-se da noção de devir como uma abertura ao inacabado¹¹.

Embora o método da cartografia tenha sido descrito como um dos princípios do rizoma, que por definição é: o que está enraizado¹², os autores o concebem como um sistema mais complexo, diferenciado, com *formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos... Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, que é a erva daninha*. E para melhor compreender esta noção vamos

destacar algumas características da estrutura rizomática por eles descritas¹⁰:

1 e 2) princípio de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto do rizoma liga-se a outro, em tramas, em conectividade, sem uma ordem estabelecida de começo e fim, entre elementos heterogêneos; 3) princípio da multiplicidade: inexistência da condição de unidade (o sujeito não é uno, o objeto não é uno). Com a ausência de pontos ou posições hierárquicas, como em uma árvore ou raiz, há somente linhas, situadas num plano; 4) princípio da ruptura a-significante: o rizoma pode ser rompido em qualquer lugar e também se reconstitui em qualquer lugar, em suas linhas. Possui linhas de segmentaridade, com alguma espécie de organização e territorialização, mas também as linhas de desterritorialização, de fuga. As linhas de fuga fazem parte do rizoma. Por isso, afasta-se desta ideia a dicotomia bom-mau. 5 e 6) princípio da cartografia e de decalcomania: o rizoma não segue um modelo estrutural ou gerativo. Ele afasta a existência de eixo genético ou estrutura profunda, como no decalque, que segue a ordem da reprodução, daquilo que já está dado por uma estrutura ou eixo.

Diferentemente do rizoma, os sistemas arborescentes, que são sistemas hierárquicos nos quais residem centros de significância, poder, subjetivação, memórias organizadas e centros de comando; influenciaram muito o pensamento ocidental em várias áreas do conhecimento. Entretanto, é preciso compreender que rizomas e sistemas arborescentes não vivem isolados um do outro, *existem nós de arborescência nos rizomas, empuxos rizomáticos nas raízes*¹⁰.

Afirmam também sobre a provisoriedade do

mapa: *o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga... todo tipo de devires...*¹⁰ Sobreposição de heterogêneos, desmanchamento e surgimento de intensidades. Provisoriedades. O cartógrafo então, ao esboçar o mapa, procura prestar atenção às múltiplas entradas e saídas que as expressões dos sujeitos desenham em seus gestos e narrativas. Conectividades. Devires.

Não há dúvidas de que a produção de cuidados em saúde (consequentemente, a pesquisa em saúde) esteja em contato permanente com tais fenômenos, em decorrência da característica complexa que a constitui. Assim, mapas igualmente complexos, podem ser esboçados para retratar a realidade, onde trabalhadores, gestores, pacientes e familiares transitam com suas ações, intenções e necessidades.

A CARTOGRAFIA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Partindo da reflexão sobre a produção de ciência, observamos a necessidade de formalização, mesmo diante de fenômenos voláteis que tratam da ordem da emoção e do sentimento, que se inscrevem em movimentos continuamente dinâmicos de recriação e variação¹³. Se por um lado, as simplificações metodológicas e a superestruturação podem eventualmente, empobrecer a captação da realidade; por outro, o método na pesquisa qualitativa, não pode ser banalizado. Ele deve existir de forma a atender às exigências em função do objetivo definido. A abordagem qualitativa portanto, permite a identificação de nuances de intensidade e essência ao longo

da extensão do fenômeno. Lembrando-se sobretudo, que cartografar é a tarefa de *dar língua para afetos que pedem passagem*, de mergulhar nas intensidades³.

Ao problematizar o uso de método, referencial teórico e procedimentos técnicos na perspectiva cartográfica³, torna-se claro que não é possível defini-los, uma vez que os procedimentos devem ser captados pelo cartógrafo em função do contexto. Para aliviar a possível sensação de susto do leitor diante de tal ideia, é preciso dizer que não há o desejo de suprimi-los. Deve haver um planejamento pré-organizado e a intenção de revisar os procedimentos, sempre que necessário, no decorrer da progressão da pesquisa, em razão do período de permanência do pesquisador em campo. Tempo este atravessado continuamente por descobertas, impedimentos, novas percepções e, consequentemente, redirecionamentos.

A cartografia surge como um modo de acompanhar percursos, de implicar processos de produção, de perceber as conexões de redes ou rizomas, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e a construção de mapas. As entradas de uma cartografia são múltiplas, pois o rizoma não tem um centro de organização, é um sistema acêntrico. Assim, a realidade é concebida como um mapa móvel e nele nada se decalca¹⁴, nada se copia, se imita ou se plagia¹².

No entanto, é preciso diferenciar o mapa do decalque¹⁰: *um mapa tem múltiplas entradas, contrariamente ao decalque que volta sempre ao mesmo. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida competência*. Esta performance depende (e muito) da qualidade

atencional do cartógrafo, como também da qualidade perceptiva e cognitiva, elementos que dizem respeito a um tipo de sensibilidade que possui - ou passa a possuir - diante da tarefa de olhar, discriminar e registrar. É também preciso deixar a sensibilidade ligada para perceber as pistas!

A cartografia portanto, propõe uma reversão metodológica no sentido de afastar-se de um conjunto de regras previamente estabelecidas, que são substituídas por pistas, na intenção de compor mapas. Implicado com o acompanhamento de processos e movimentos, o cartógrafo não se afasta do rigor do método, mas abre-se para sua resignificação. A precisão está relacionada ao interesse, compromisso e implicação¹⁴. A cartografia não intenciona isolar o objeto ou o fenômeno estudado, pelo contrário, valoriza a rede de forças ao qual ele está conectado, no que diz respeito às suas articulações históricas e conexões com o mundo, em um movimento dinâmico e permanente¹⁵.

As pistas, por sua vez, servem como referência, como oportunidade de calibragem, durante o percurso da investigação¹⁴, o que sustenta o processo em uma condição de plasticidade, uma vez que *o caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. É nesse contexto que surge a proposta do método da cartografia, que tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades*¹⁵.

O processo possui dois sentidos: o de

processamento, e o de processualidade¹⁵. Processamento no qual o conhecimento é baseado na teoria da informação. A pesquisa é vista como o ato de coletar e analisar informações: são colocados entre parênteses os fatores extracognitivos, ou seja, a relação que o fenômeno tem com a história, o *socius* e o plano dos afetos. A processualidade nos coloca, segundo as autoras, no coração da cartografia. Afina-se com a investigação de processos de produção da subjetividade, de processos em curso, nos quais o cartógrafo começa pelo meio, entre pulsações.

O caminho da pesquisa cartográfica pressupõe que os momentos de produção, análise e discussão de dados aconteçam simultaneamente, como o ato de caminhar, que é constituído por *passos que se sucedem sem se separar*, em um movimento contínuo, desenhado pelo anterior e pelo que vem em seguida. A tônica da processualidade está igualmente presente no momento da escrita¹⁵. Neste sentido, o leitor (da pesquisa) é convidado a partilhar preocupações, desejos e variações de velocidade. Ritmos que se alternam, sobretudo, nos rituais de avanço e recuo. Uma viagem com roteiro mais ou menos definido, mas, que é influenciada pelos elementos do entorno: instituições, pessoas, acontecimentos, contextos, possibilidades e interdições. Próprios de um cotidiano vivo, pulsante.

A etapa de produção de dados procura escapar da ideia de coleta, de extrativismo. Ela acontece desde o início, no contato com o território a ser cartografado, em conjunto com sujeitos, forças e ritmos. Isso significa que não é um processo vivido solitariamente pelo pesquisador, tomando-se por base que o

*conhecimento que se produz não resulta da representação de uma realidade pré-existente. Informações, saberes e expectativas precisam ser deixados na porta de entrada, e o cartógrafo deve pautar-se sobretudo numa atenção sensível, para que possa, enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali, como virtualidade*¹⁶.

É imprescindível enfatizar que não é o ponto de vista do cartógrafo que estabelece composições. *A invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção*, portanto, sua atenção sensível é instrumento, que deve servir à construção processual. Além disso, *adotando uma política construtivista, a atenção do cartógrafo acessa elementos processuais do território – matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória. Tudo isto entra na composição de cartografias*. Nesta perspectiva, a produção de dados percorre toda a pesquisa de campo e continua além, nas etapas que se sucedem: a análise dos dados, a escrita do texto, a publicação dos resultados, incluindo a circulação do material escrito e a leitura dos interessados, *sem falar na contribuição dos participantes da pesquisa na produção coletiva do conhecimento*¹⁶.

Sugere-se que o cartógrafo leve no bolso um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações. Nesta concepção, o critério seria o *grau de abertura para a vida, que cada um se permite a cada momento*. O princípio, a adoção de uma postura de extramoralidade, que permita a expansão da vida, para que esta encontre canais de efetuação. É possível que haja necessidade de mudanças de princípios, sempre que as pulsações da vida

mostrarem-se cercadas, impedidas. Quanto à regra, deve dar elasticidade a seu critério e a seu princípio, *um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um limiar de desterritorialização*. O roteiro de preocupações deve ser criado tendo por base a ação em nome da vida. Desse modo, a prática do cartógrafo está relacionada às estratégias das formações do desejo no campo social, ou seja, como o social se expressa, como se inventa, como se espalha em intensidades e compõe novos mundos. A prática do cartógrafo é política, da esfera da micropolítica, quando das estratégias de produção de subjetividade³.

A leitura do material obtido, a análise dos achados e a composição da discussão podem ser guiadas por aquilo que é denominado de gestos atencionais, uma das pistas que a cartografia lança.

O caráter inventivo do método cartográfico necessita que a atenção do cartógrafo seja ativada, como *uma atenção à espreita – flutuante, concentrada e aberta*. A atenção não é um simples dispositivo para a seleção de informações: *tomar o mundo como fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista; tomá-lo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é um outro tipo de política, que denominamos construtivista*. Consequentemente há que se desativar ou inibir a atenção seletiva, que, em geral, domina o funcionamento cognitivo do pesquisador. Compreende-se por seletiva aquela atenção que funciona pela via do interesse e está aplicada na ação¹⁶.

Seguindo um viés construtivista, busca-se uma atenção concentrada sem focalização. Que

esteja aberta à captação do inesperado. Podem surgir fragmentos de experiências, em um primeiro momento sem sentido imediato, mas, que indicam que há uma processualidade em curso¹⁶, pois há acontecimentos em um fluxo, ou vários fluxos: *a atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento... signos são acolhidos numa atitude atencional de ativa receptividade com as experiências... com o inesperado... com o elemento problemático.*

Tomando-se por eixo prático a concentração sem focalização, assumida como uma sintonia fina com o problema, onde se procura evitar as interferências relacionadas a saberes, representações e experiências anteriores; podemos encontrar quatro variedades ou gestos atencionais do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento¹⁶.

O rastreio é a varredura na direção de uma meta ou alvo móvel: *para o cartógrafo é importante a localização de pistas, de signos, de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo, atingindo uma espécie de atenção movente, imediata e rente ao objeto-processo*¹⁶.

O toque, refinado por meio de uma percepção háptica, que segundo Deleuze deve ser diferenciada da percepção ótica. A ótica organiza o campo em figura e fundo, enquanto a háptica coloca estes dois componentes lado a lado, em um mesmo plano. Olhos, ouvidos ou outros órgãos são chamados a funcionar para tatear, explorar e rastrear aquilo que ainda não se sabe ao certo o que é. O toque pode ocorrer em vários graus de intensidade, pode demandar tempo e, sobretudo, pode seguir as múltiplas entradas que um mesmo plano pode sugerir.

Ele vem ajudar a explorar assistematicamente o terreno, até que a atenção seja tocada por algo¹⁶.

O pouso é o gesto que indica a possibilidade de uma parada para se proceder a uma espécie de zoom, na perspectiva de certo enquadramento no campo perceptivo que não deve ser confundido com um gesto de focalização, mas, que indica um trabalho mais fino e preciso por meio da magnitude e da intensidade¹⁶.

O reconhecimento atento, referencial emprestado de Bergson, é caracterizado por ser capaz de *nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares.* Este gesto atencional ocorre sob a forma de circuitos, com expansão da percepção e da cognição, possibilitando a desconstrução da noção tradicional de reconhecimento, como aquela que produz reencontros com imagens ou esquemas anteriormente conhecidos, num processo marcado pela adição, pela linearidade nos encadeamentos. Neste caso, *a percepção não segue um caminho associativo operando por adições sucessivas e lineares. Através da atenção, ela aciona circuitos, afastando-se do presente em busca de imagens e sendo novamente relançada à imagem atual, que progressivamente se transforma. O tecido da memória comporta um folheado, assim como o do objeto, que se refaz a cada instante*¹⁶.

A dinâmica atencional nos ajuda a pensar que o conhecimento produzido por meio do método cartográfico *não resulta da representação de uma realidade preexistente.* Ao contrário, surge como composição, como um trabalho de invenção, lembrando mais uma vez que *a invenção se dá através do cartógrafo, mas não por ele, pois não há agente da invenção, não*

há decalque¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito principal deste trabalho é contribuir para a disseminação do método cartográfico como importante recurso voltado à produção de pesquisas e à consequente produção de conhecimento, complexificando o olhar e o pensar sobre os fenômenos bio-psico-sociais, os sujeitos, as instituições e as políticas de saúde vigentes.

Assim, procuramos ao longo desta reflexão, explorar o caráter inovador da cartografia como uma via de passagem para intensidades, afetos e experiências presentes na produção de cuidados em saúde. Produção esta que é construída, frequentemente, sob a perspectiva do rizoma, dos pontos de conectividade entre sujeitos, quer sejam profissionais, usuários, familiares ou demais personagens que ocupam o vasto território do cuidar.

É preciso registrar que o olhar do pesquisador, ainda que munido de recursos poderosos e atentos, está longe de ser completo, preciso, acabado. O pensar cartográfico estimula esta premissa.

É preciso enfatizar também que o mapa, contrariamente ao decalque, deve ter múltiplas entradas e saídas, possibilitando uma certa liberdade em agregar conteúdos e optar pelo aprofundamento de algumas discussões específicas. Uma vez que o mapa móvel é um sistema acêntrico, conexões das mais heterogêneas podem ser feitas de acordo com contextos e descobertas aqui e acolá, em ato.

Reforçamos ainda a idéia do sentido de

processualidade na cartografia, na qual o cartógrafo está em contato permanente com as pulsações do campo de pesquisa. Ele chega, permanece e sai daquele território em constante movimento, o que faz do mapa um recorte provisório vivo, sujeito à transformações contínuas.

Aproximando-se a pesquisa cartográfica à condição de rizoma, não cabem aqui conclusões definitivas, da mesma forma que um rizoma não se conclui. Conserva-se então sua condição de provisoriedade. O mapa está sujeito a elementos que podem agir sobre ele, modificando-o, redesenhando-o em sua aparência e essência.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Noções básicas de cartografia [acessado em 13 ago 2008]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/indice.htm.
2. Hino P, Villa TCS, Sasaki CM, Nogueira JA, Santos CB. Geoprocessamento aplicado à área da saúde. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2006 novembro-dezembro; 14(6): 939-43 [acessado em 03 mar 2012]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n6/pt_v14n6a16.pdf
3. Rolnik S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina – Editora da UFRGS; 2007. 247 p.
4. Fortuna CM. Cuidando de quem cuida – notas cartográficas de uma intervenção

institucional na montagem de uma equipe de saúde como engenhocamutante para a produção de vida [tese de doutorado]. [Ribeirão Preto -SP]: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2003. 197p.

5. Matumoto S. Encontros e desencontros entre trabalhadores e usuários na saúde em transformação: um ensaio cartográfico do acolhimento [tese de doutorado]. [Ribeirão Preto -SP]: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2003. 186p.

6. Caçapava JR. A produção do cuidado em saúde mental na Atenção Básica à Saúde: um olhar dos trabalhadores sobre o acolhimento [dissertação - mestrado]. [São Paulo -SP]: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2008. 173p.

7. Gonçalves CAV. Cotidiano de Cuidados à pessoa com depressão na pós-modernidade: uma cartografia [tese de doutorado]. [São Paulo -SP]: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2009. 209p.

8. Colvero LA. Fragmentos de uma rede de lugares e movimento: o cuidado em saúde mental na atenção básica [tese livre-docência]. [São Paulo -SP]: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2010. 124p.

9. Martines WRV. O cotidiano da produção de cuidados em saúde mental e a produção de prazer: uma cartografia [tese de doutorado]. [São Paulo -SP]: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2011. 212p.

10. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. 1ª ed.

Guerra Neto A, Costa CP, tradutores. São Paulo: Editora 34; 1995. 96p.

11. Dinis NF. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. Sociedade e cultura 2008; 11(2): 355-61.

12. Ferreira ABH. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5ª ed. Curitiba: Editora Positivo; 2010. 2272p.

13. Demo P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. Rev. Latino-Am. Enfermagem 1998 abril; 6(2): 89-104 [acessado em 28 mai 2008]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11691998000200013&script=sci_arttext

14. Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Apresentação. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2010. p.7-16.

15. Barros LP, Kastrup V. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2010. p. 52-75.

16. Kastrup V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina; 2010. p. 32-51.

Artigo apresentado em: 17/04/2013

Artigo aprovado em: 13/08/2013

Artigo publicado no sistema em: 13/09/2013